

A NOSTALGIA DOS ANOS 1980 NAS PRODUÇÕES DA NETFLIX

Camila Augusta Pires de FIGUEIREDO, (UFMG)¹

Resumo: Vivemos nos últimos tempos uma inegável fixação com os anos 1980, em especial em filmes, séries de TV e clipes musicais. Trata-se de obras que retomam a época de diversas maneiras: são *remakes*, *reboots*, *sequels*, *prequels*, histórias que se passam ou que contêm referências à cultura daquela década. Analisaremos os possíveis motivos e impactos da recente onda nostálgica em produções culturais contemporâneas, com foco nas séries televisivas produzidas e/ou distribuídas pela plataforma Netflix, a partir de aspectos sociológicos, de produção e recepção determinantes nesse resgate da essência de outrora, por meio da recriação de uma estética e discurso específicos.

Palavras-chave: Netflix; nostalgia; séries televisivas.

Abstract: We have been witnessing an undeniable obsession with the 1980s in recent times, especially in films, TV series and music video clips. These are works that allude to the era in various ways: they are remakes, reboots, sequels, prequels, stories that happen during that time or that contain references to the culture of that decade. We propose an examination of possible reasons and repercussions of this recent wave of nostalgia in contemporary cultural productions, with an emphasis on the television series produced and/or distributed by Netflix, focusing on its sociological, production and reception aspects, perspectives that are central in the process of recovering the essence of yesteryear, by means of the re-creation of an specific aesthetic and discourse.

Keywords: Netflix; nostalgia; TV series.

Vivemos nos últimos tempos uma inegável fixação com os anos 1980, em especial na cultura pop, na produção de filmes, séries de TV e clipes musicais, entre outros. Trata-se de obras que retomam a época de diferentes modos: são *remakes*, *reboots*, *sequels*, *prequels*, histórias que se passam ou que contêm referências à cultura daquela década. No cinema, por exemplo, especialmente a partir de 2010, vemos uma miríade de filmes que retomam os anos 80 de várias maneiras:

a) filmes que se passam nos anos 80: *Super 8* (2011), *Atômica* (2017), *X-Men Apocalypse* (2016);

b) filmes que contêm referências à cultura dos anos 80: *Detona Ralph* (2013), *Guardiões da Galáxia 1 e 2* (2014 e 2017), *Pixels* (2015), *Jogador no. 1* (2018);

c) remakes e reboots de obras dos anos 1980: *Miami Vice* (2006), *Transformers* (2007), *Sexta-feira 13* (2009), *Karate Kid* (2010), *Footloose* (2011), *Carrie a Estranha* (2013), *Robocop* (2014), *Ghostbusters* (2016), *It, a Coisa* (2017);

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora na área de Literatura, Outras Artes e Mídias com ênfase nas temáticas de adaptação, intermedialidade e transmídia. Atua como Editora UFMG, na condição de Vice-Diretora. Email: camilafig1@gmail.com.

d) continuações de histórias lançadas nos anos 80: *Tron: Legacy* (2010), *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015), *Blade Runner 2049* (2017), *Cobra Kai* (2018).

Além desses exemplos, observamos várias adaptações cinematográficas de quadrinhos produzidos naquela década, por exemplo: *V de Vingança* (2005), *The Dark Knight* (2008), *Watchmen* (2009). O recente sucesso de *Paper Girls* (2015-) também chama a atenção, já que a história se passa naquela época. A enorme onda de filmes de super-heróis hoje também pode ser relacionada a essa retomada, uma vez que a origem desse gênero cinematográfico data do final da década de 1970, mais especificamente em 1978, com o lançamento de *Superman: o filme*, de Richard Donner, com Christopher Reeve.

No cenário musical, algumas produções se destacam: “Last Friday Night (T.G.I.F.)”, de Katy Perry; “24K Magic”, de Bruno Mars; e “I Feel It Coming”, de The Weeknd e Daft Punk estão entre as mais notáveis.

No serviço de streaming, por sua vez, várias séries se passam nesse período: *Red Oaks* (Amazon, 2014-2017), *Snowfall* (FX, 2017-), *The Americans* (FX, 2013-2018) e *Halt and Catch Fire* (AMC, 2014-2017) são alguns exemplos.

Porém, em se tratando de streaming, é indiscutível o protagonismo das produções da Netflix, seja na produção ou na distribuição das produções ambientadas nos anos 1980. Somente nos últimos três anos foram seis produções de grande destaque, todas ambientadas nos anos de 1980: *Narcos* (2015-), *Stranger Things* (2016-), *The Get Down* (2016-2017), *Glow* (2017-), *Dark* (2017-), a nacional *Samantha!* (2018-), além do episódio “San Junipero” (2016), de *Black Mirror*. Trataremos aqui mais especificamente de alguns deles.

Todas essas evidências nos estimulam a elaborar as seguintes questões: o que explica essa multiplicidade de produções que remetem a esse período? O que todas elas têm em comum? Como compreender essa fixação por um passado específico?

PRODUÇÕES PARA UM PÚBLICO NOSTÁLGICO

Todas as produções mencionadas visam alcançar o público de uma geração específica, aquela que nasceu entre o fim dos anos de 1970 e o início dos anos de 1980 (mais especificamente entre 1977 e 1985), denominada de Xennials, uma mistura entre

a Geração X (1960-1977) e os Millennials (1985-2000). Trata-se de uma microgeração cuja infância foi marcada por mudanças de valores sociais e nos costumes: a redução da supervisão de adultos, o aumento da participação das mães no mercado de trabalho e o aumento no número de divórcios. (STANKORB, OELBAUM, 2014) É também a “geração MTV”, e a última que se lembra de como era a vida antes da Internet, que teve uma infância analógica e se viu obrigada a se adaptar a uma cultura digital na fase adulta. É a geração que viu as fitas VHS, as fitas K7, os laser-discs, os disquetes, os DVDs, a popularização dos videogames, da TV a cabo, dos computadores, e que passou da internet discada à banda larga.

Como Kathleen Loock explica em seu artigo “Retro-remaking: The 1980s Film Cycle in Contemporary Hollywood Cinema” (2016), muitas produções que remetem a essa década tendem a celebrar os originais, e sua estética dos anos 1980 evoca ligações sentimentais com seus filmes e séries de televisão, bem como às memórias de infância associadas a eles. Além disso, ao retomar conteúdos bem-sucedidos em épocas anteriores, as produções culturais atuais se aproveitam do valor comercial e cultural que tais produções conquistaram ao longo de décadas, o que se revela uma estratégia bastante lucrativa, já que poderão ser consumidas tanto pela geração original quanto por uma nova.²

Percebemos isso claramente em *Stranger Things*, uma das séries de maior repercussão da plataforma streaming, que utiliza como principal estratégia as ligações sentimentais com filmes e séries de televisão bem-sucedidos da época de 1980, evocando memórias de infância associadas a eles. Não é exagero dizer que *Stranger Things* bebe e se aproveita do valor comercial e cultural já estabelecido, por exemplo, por *E.T.*, *Os Goonies* e *Conta comigo*.

Entretanto, além de uma sensação prazerosa, essas produções podem trazer à tona um sentimento de nostalgia. Derivada das palavras gregas *nostos* (volta para casa) e *algos* (dor ou saudade), “nostalgia” foi usada pela primeira vez em uma tese médica de 1688 de Johannes Hofer para descrever o sofrimento físico produzido pela ausência

² Essa retomada temática e estética opera de maneira semelhante às adaptações e às ferramentas transmídia, no sentido de que ela se alimenta do prazer do reconhecimento de um produto de mídia anterior. Para um estudo mais aprofundado a respeito das relações entre a adaptação e a transmídia, cf. FIGUEIREDO, Camila. *Em busca da experiência expandida: revisitando a adaptação por meio da franquia transmidiática* (2016), disponível em: <https://bit.ly/2KbR9aL>.

da terra natal. Com o passar do tempo o termo deixou de ser usado exclusivamente no campo médico e passou também de uma concepção exclusivamente espacial para uma concepção temporal. (HAMILTON, 2013, p. 101) Assim, ao longo dos anos, a palavra deixa de remeter exclusivamente ao sentimento de perda de um lugar específico, o lar que não existe mais (ou à lembrança daquele local que nunca existiu), para então referir-se às lembranças de uma época específica.

No caso de *Dark*, série alemã produzida pela Netflix, as dimensões temporais e espaciais do passado e do futuro se misturam, uma vez que os personagens conseguem viajar em três momentos distintos no tempo, com um intervalo de 33 anos entre eles: 1953, 1986 e 2019. Além disso, novamente é possível dizer que *Dark* se inspira em uma longa e bem sedimentada tradição de produções sobre viagens no tempo.

Contudo, estudos na área de psicologia são unânimes em afirmar que a palavra não carrega apenas um sentido negativo de perda ou solidão. Para Krystine Batcho, há uma dualidade na concepção de nostalgia, que pode também designar uma maneira específica ou estratégias para lidar com tempos difíceis, um esforço coletivo para superar tempos de crise.

Posição semelhante estabelece Zygmunt Bauman ao evocar Walter Benjamin e o anjo da história já no início de seu último livro, *Retrotopia*. Para Bauman, o anjo, cuja face era voltada para o passado, está mudando de direção: seu rosto está agora voltado para o futuro, enquanto suas asas são empurradas para trás, efeito do vento que vem da tempestade causada pelo inferno do futuro imaginado conjugado ao paraíso do passado. Vivemos, segundo Bauman, uma perda completa de esperança, à medida que a estrada para o futuro parece, cada vez mais, um caminho de corrupção e degeneração. Porém, em vez de idealizar um futuro melhor a ser construído – como a famosa ilha Utopia imaginada por Thomas More –, passamos a viver em “retrotopias”, “visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu” (BAUMAN, 2017, p. 10), na esperança de reconciliar a segurança do passado – manifestada por ideias e ideais de outrora como nacionalismos exacerbados, por exemplo – com a liberdade prometida do futuro. Assim, segundo Batcho e Bauman, a nostalgia se transformou em um mecanismo de defesa nos últimos tempos.

A nostalgia como estratégia de defesa está presente na série *Samantha!*, na medida em que é utilizada pela protagonista que se recusa a aceitar que caiu no

ostracismo. Em sua busca incansável pelo sucesso de outrora, Samantha parece não assimilar o passar do tempo. Nesse sentido, usando a analogia de Bauman, em *Samantha!* o passado não está morto, mas respira por aparelhos. A produção nacional, inspirada por ícones bem conhecidos do imaginário nacional presentes na televisão brasileira dos anos de 1980 como Xuxa e Simony, traz de volta, de maneira satirizada, todo o imaginário daquela década: meias arrastão, tons neons, blazers com ombreiras, cabelos com permanente, mensagens subliminares em discos de vinil e até mascotes pouco apropriados para programas infantis como um pacote de cigarros chamado Cigarrinho.

Mas, se reciclar o passado não é algo novo, o que torna esta recente onda de retomadas tão significativa? Para Simon Reynolds, autor do livro *Retromania* (2011), a resposta está nos avanços digitais nas últimas décadas, que promoveram um aumento na busca pelo passado. Segundo o autor, os jovens desta geração são vítimas de uma “crise de superdocumentação” na qual certas tecnologias ou plataformas agem como facilitadores na promoção de um labirinto de coleções colaborativas ou coletivas.

Na mesma direção, Hans Ulrich Gumbrecht aponta que os sistemas eletrônicos de memória têm papel fundamental na retomada do passado de uma maneira nunca percebida antes, processo que inaugura o que ele denomina de “amplo presente”:

Em vez de deixarem de oferecer pontos de orientação, os passados inundam o nosso presente; os sistemas eletrônicos automatizados de memória têm um papel fundamental nesse processo. Entre os passados que nos engolem e o futuro ameaçador, o presente transformou-se numa dimensão de simultaneidades que se expandem. Todos os passados da memória recente fazem parte deste presente em ampliação; é cada dia mais difícil excluirmos do tempo de agora qualquer tipo de moda, ou música, das últimas décadas (GUMBRECHT, 2015, p. 16).

Por exemplo, enquanto antes o agrupamento de músicas de temáticas semelhantes era feito com as gravações de mixtapes, hoje em dia os aplicativos de música, como o Spotify ou Deezer, elaboram playlists de músicas digitais, reunindo-as e organizando-as por gêneros, temas ou épocas; facilidades que estão a apenas um clique e são facilmente compartilháveis com outros usuários. Assim, diferentemente de outras ondas nostálgicas, esta designa, mais do que nunca, uma resposta às transformações

sociais e à aceleração da urbanização e do desenvolvimento tecnológico típicos da contemporaneidade.

Apesar de não ser ambientada nos anos 1980, a série *13 Reasons Why* nos oferece um caso interessante de referência à época. Trata-se de uma série que apresenta uma idealização do passado – “Tudo era melhor antes” –, junto com o curioso fato de as mensagens gravadas por Hannah Baker estarem em fitas K7 e não em uma mídia digital, como se esperaria em uma narrativa que se passa nos dias de hoje, escolha que talvez mereça uma análise mais aprofundada em outro momento.

Finalmente, o último aspecto que observaremos em relação à nostalgia é seu crescente processo de comodificação. Em “Nostalgia in the Twenty-First Century”, Kathy Hamilton defende que, “[a]gora que o passado está instantaneamente disponível através da internet e de várias mídias, e pode ser comprado por meio de merchandising produzida em massa, ou imitações de produtos do passado”, a nostalgia se tornou bastante lucrativa (HAMILTON, 2013, p. 102). Recentemente, por exemplo, a Netflix contratou o designer gráfico de Curitiba Butcher Billy para desenvolver projetos de ilustrações e de outros produtos conectados a episódios das séries *Stranger Things* e de *Black Mirror*: são camisetas, LPs, DVDs, pôsteres, embalagens, capas para celular, almofadas, canecas, sacolas, adesivos, cadernos e cartões.

Finalmente, é importante mencionar que, para a Netflix, o grande apelo financeiro é o que tem impulsionado a produção e distribuição de séries que retomam os anos 1980. Não podemos nos esquecer que essas produções são especialmente direcionadas para o principal público assinante do serviço, que viveu sua infância naquela época. São atualmente 118,9 milhões de assinantes em todo o mundo, sendo 55 milhões nos EUA. De acordo com dados coletados em fevereiro de 2017, dos americanos que assinavam algum serviço de vídeo ou de música online, 72% das pessoas na faixa de idade dos Millennials e 73% na faixa de idade da Geração X assinavam também a Netflix, mais do que as outras faixas etárias (STATISTA, 2017). Nesse sentido, é justo afirmar que o apelo para a nostalgia obedece a claras motivações financeiras: transformar a nostalgia em um produto ou experiência comprável ou adquirível.

REFERÊNCIAS

BATCHO, Krystine Irene. Nostalgia: Retreat or Support in Difficult Times?, **American Journal of Psychology**, v. 126, n. 3, p. 355-367, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HAMILTON, Kathy et al. Nostalgia in the Twenty-First Century, **Consumption Markets & Culture**, v. 17, n. 2, p. 101-104, 2013.

LOOCK, Kathleen. Retro-remaking: The 1980s Film Cycle in Contemporary Hollywood Cinema. In: ANN KLEIN, Amanda; PALMER, R. Barton (eds.). **Cycles, Sequels, Spin-offs, Remakes and Reboots: Multiplicities in Film and Television**. Austin: University of Texas Press, 2016. p. 277-298.

REYNOLDS, Simon. **Retromania: Pop Culture's Addiction to Its Own Past**. London: Faber & Faber, 2011.

SHARE of consumers with an active Netflix subscription in the United States as of February 2017, by age group. **Statista**. Mar. 2017. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/698020/netflix-subscription-by-age/>. Acesso em 10/12/2018.

STANKORB, Sarah; OELBAUM, Jed. Reasonable People Disagree about the Post-Gen X, Pre-Millennial Generation. **Good**. 25 set. 2014. Disponível em: <https://www.good.is/articles/generation-xennials>. Acesso em 10/12/2018.